

Histórias de  
**AMOR**

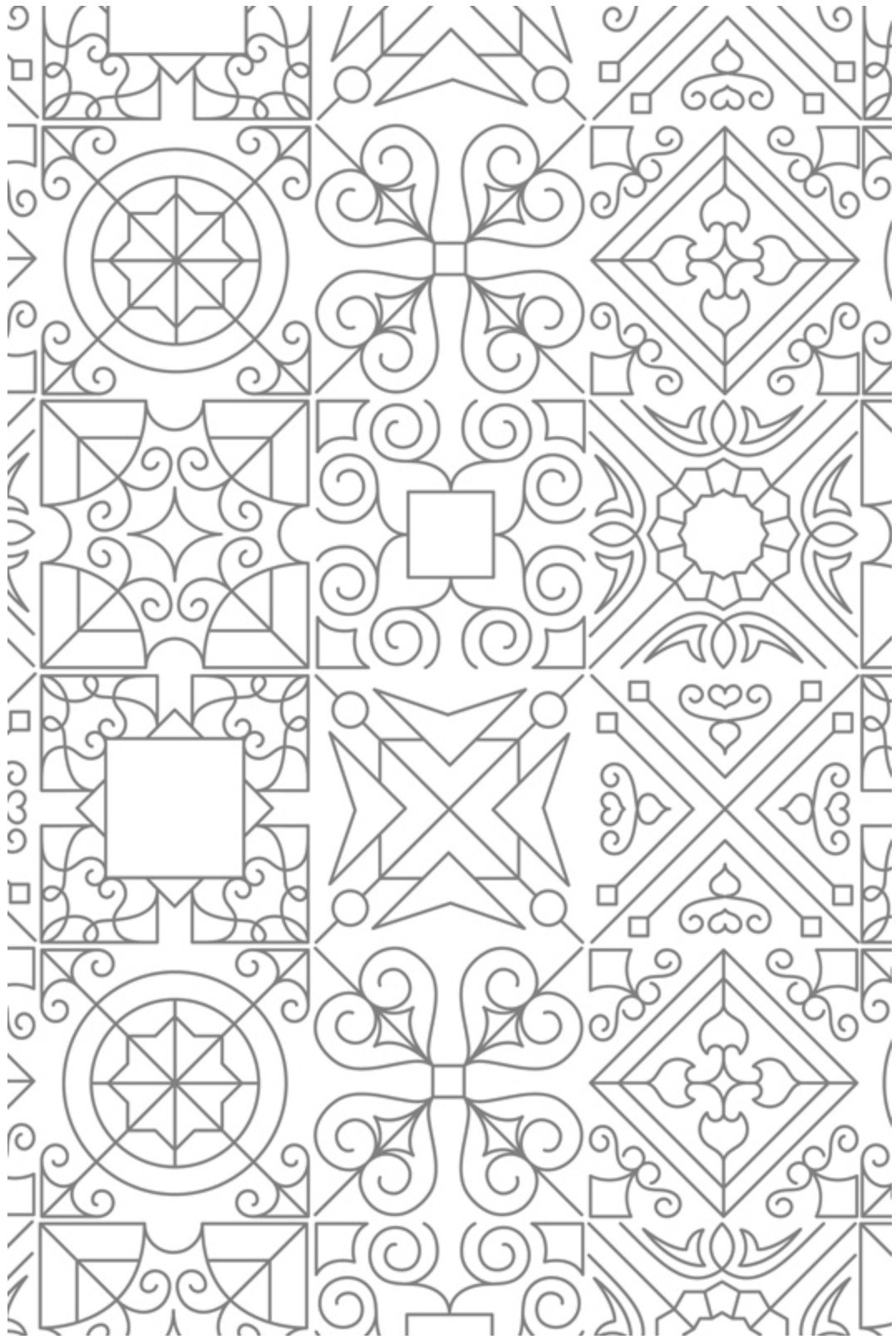
**O MORRO  
DOS VENTOS  
VIVANTES**

**Emily Brontë**

  
EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA



Histórias de  
**AMOR**



Emily  
Brontë

**O MORRO  
DOS VENTOS  
VIVANTES**

Tradução de  
David Jardim Júnior

6ª edição



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA



Título original: *Wuthering Heights*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B887m Brontë, Emily  
O Morro dos Ventos Uivantes / Emily Brontë; tradução David Jardim  
Júnior. [6. ed.]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.  
320 p.

Tradução de: *Wuthering heights*  
ISBN 978-65-56402-41-3

1. Ficção inglesa. I. Jardim Júnior, David. II. Título.

20-63591

CDD: 823  
CDU: 82-3(410.1)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135



# Sumário

|                |
|----------------|
| Capítulo I     |
| Capítulo II    |
| Capítulo III   |
| Capítulo IV    |
| Capítulo V     |
| Capítulo VI    |
| Capítulo VII   |
| Capítulo VIII  |
| Capítulo IX    |
| Capítulo X     |
| Capítulo XI    |
| Capítulo XII   |
| Capítulo XIII  |
| Capítulo XIV   |
| Capítulo XV    |
| Capítulo XVI   |
| Capítulo XVII  |
| Capítulo XVIII |
| Capítulo XIX   |
| Capítulo XX    |

Capítulo XXI  
Capítulo XXII  
Capítulo XXIII  
Capítulo XXIV  
Capítulo XXV  
Capítulo XXVI  
Capítulo XXVII  
Capítulo XXVIII  
Capítulo XXIX  
Capítulo XXX  
Capítulo XXXI  
Capítulo XXXII  
Capítulo XXXIII  
Capítulo XXXIV  
Sobre a autora

## Capítulo I

1801... Acabo de voltar de uma visita ao meu senhorio — o vizinho solitário com quem terei de me haver para o futuro. Esta região é, sem dúvida alguma, de rara beleza. Custou a acreditar que tenha conseguido encontrar, na Inglaterra, um lugar onde pudesse ficar tão afastado das agitações da sociedade. É o verdadeiro paraíso para um misantropo: e eu e o sr. Heathcliff constituímos, sem dúvida, uma dupla capaz de compartilhar a solidão. É um grande sujeito. Não imaginou, certamente, com quanto calor eu lhe abria o coração, quando vi a desconfiança estampada em seus olhos negros, ao me apresentar diante dele, e quando meteu a mão ainda com mais força, no bolso do colete, ao ouvir-me anunciar meu nome.

— Sr. Heathcliff! — disse eu.

Um simples meneio de cabeça foi a resposta.

— Sou o sr. Lockwood, seu novo inquilino. Fiz questão de procurá-lo o mais cedo possível depois de minha chegada, para manifestar-lhe a esperança que tenho de não tê-lo importunado com a minha insistência em arrendar a Granja da Cruz dos Tordos. Soube, ontem, que o senhor pensava...

— Cruz dos Tordos é minha propriedade — atalha ele, recuando. — Se houvesse inconveniência para mim, eu não a arrendaria... Entre!

O “entre” foi resmungado entre os dentes cerrados, e parecia muito mais querer dizer: “Vá para o diabo que o carregue!” O próprio portão para o qual apontou não foi empurrado para acompanhar as palavras; e eu pensei que as circunstâncias me obrigavam a aceitar o convite: sentia-me interessado por um homem que parecia ainda mais exageradamente reservado do que eu mesmo.

Quando ele viu meu cavalo indo em direção ao portão, estendeu o braço para abri-lo e, depois, foi na minha frente pelo caminho e gritou ao entrar no pátio:

— Joseph, leve o cavalo do sr. Lockwood e traga vinho.

“Deve ser o único empregado”, foi o pensamento que me sugeriu o tom em que foi dada a ordem. “Não é de se admirar que o capim esteja crescendo entre as lajes e que ninguém o apare, a não ser o gado.”

Joseph era um homem já velho, embora robusto e bem-disposto.

— Deus que nos ajude! — monologou ele, rabugento, enquanto pegava as rédeas do meu cavalo, ao mesmo tempo que me olhava com uma cara tão fechada que conjecturei, caridosamente, que ele necessitava da ajuda divina para digerir o jantar e que sua piedosa jaculatória nada tinha a ver com o meu inesperado aparecimento.

Morro dos Ventos Uivantes é o nome da residência do sr. Heathcliff. Na verdade, a ventilação deve ser constante ali; é fácil imaginar-se o vigor com que sopra o vento norte pela excessiva inclinação de alguns abetos que crescem nas proximidades da casa e por uma fila de espinheiros todos voltados na mesma direção, como que implorando a esmola do sol. Felizmente, o arquiteto teve a previdência de construir uma casa muito sólida: as janelas estreitas estão profundamente encravadas nas paredes e os cantos protegidos por grandes juntas de alvenaria.

Antes de entrar, parei para admirar uma série de grotescos baixos-relevos esculpidos no frontão e especialmente acima da porta principal, sobre os quais, e no meio de uma confusão de grifos e de meninos despudorados, pude ler a data 1500 e o nome *Hareton Earnshaw*. Tive vontade de fazer alguns comentários e pedir algumas ligeiras explicações sobre a mansão ao sisudo proprietário, mas a maneira com que ele se postara diante da porta parecia um convite para que eu entrasse sem mais demora, ou fosse embora de uma vez, e não achei conveniente agravar sua má vontade antes mesmo de adentrar os umbrais da casa.

Um degrau nos levou à sala de estar da família, sem qualquer saleta ou corredor de passagem: chamam-na aqui “a casa” propriamente dita. Em geral, abrange a cozinha e a sala; mas creio que em Morro dos Ventos Uivantes a cozinha se viu forçada a retirar-se para outro setor: pelo menos, ouvi conversas e o ruído de panelas, vindos de dentro, e não observei, no grande fogão, sinais de que fosse utilizado para assar, cozinhar ou fritar, nem o brilho de tachos de cobre ou escumadeiras de folhas de flandres nas paredes. Uma das extremidades, é certo, refletia, magnificamente, tanto a luz como o calor de imensos pratos de estanho, entremeados com vasos e potes de prata que se enfileiravam nas prateleiras de um grande armário de carvalho, até o teto. Este nunca fora pintado: toda a sua anatomia se expunha nua ao olhar inquiridor, exceto onde a armação de madeira, repleta de bolos de aveia e fardos de carne de carneiro e presunto, o escondia. Em cima da lareira, havia velhas espingardas, de aspecto sinistro, e um par de pistolas e,

servindo de ornamentação, três caixas vistosamente pintadas, sustentadas pela borda. O chão era de pedra lisa e branca; as cadeiras de espaldar alto, pintadas de verde: uma ou duas outras pretas e pesadas estavam meio ocultas, na sombra. Debaixo da cômoda, descansava uma enorme cadela de caça, rodeada por uma ninhada de cachorrinhos, e outros cães se acomodavam pelos cantos.

A sala e o mobiliário nada teriam de extraordinário se pertencessem a um fazendeiro do norte, rústico e simples, de calções e polainas. Para quem andasse, depois do jantar, num raio de cinco ou seis milhas por aquelas montanhas, seria fácil encontrar um fazendeiro assim, sentado em sua poltrona, com o canecão de cerveja ao lado. O sr. Heathcliff, contudo, constitui um contraste vivo com o ambiente e o estilo de vida. É um homem de pele escura, parecendo um cigano, com os trajos e os modos de um gentil-homem; isto é, tão gentil-homem como qualquer proprietário rural: um tanto desalinhado, talvez, mas não a ponto de ser afetado pela negligência, pois tem um porte ereto e uma bela fisionomia; bastante moroso, também. É possível que descubram nele um certo orgulho; tenho a intuição de que não há tal: conheço, por instinto, que sua reserva vem da aversão de exibir sentimentos — a manifestações de afeto mútuo. Ele deve amar e odiar discretamente e considera uma espécie de impertinência ser amado ou odiado. Não, devo estar me precipitando; estou lhe atribuindo minhas próprias qualidades. É possível que o sr. Heathcliff tenha motivos inteiramente diferentes para se mostrar esquivo, quando encontra um possível conhecido, dos motivos que tenho. Talvez meu gênio seja quase peculiar: minha saudosa mãe costumava dizer que jamais terei um lar acolhedor; e ainda no último verão mostrei-me inteiramente indigno de possuí-lo.

Durante uma estada de um mês na costa, gozando o bom tempo, travei conhecimento com uma criatura fascinante: uma verdadeira deusa aos meus olhos, enquanto não tomou conhecimento de mim. Eu nunca disse “meu amor” verbalmente; mas, se o olhar tem uma linguagem, qualquer idiota adivinharia a veemência dos meus sentimentos: ela me compreendeu, afinal, e retribuiu — o mais doce olhar que se possa conceber. E que fiz eu? Confesso, com vergonha, que me encolhi, alcidamente, dentro de mim mesmo, como um caramujo em sua casca; a cada olhar, encolhia-me mais, mais álgido e mais distante; até que, afinal, a pobre inocentinha chegou a duvidar de seus próprios sentidos e, esmagada, confusa, ante seu suposto

engano, persuadiu sua mãe a partir. Em vista dessa disposição curiosa, adquiri a fama de deliberadamente insensível. Quanto é imerecida, só eu posso saber.

Sentei-me junto à extremidade da lareira, oposta àquela em direção à qual meu senhorio caminhava, e enchi um intervalo de silêncio tentando acariciar a cadela, que abandonara a prole e rastejava, como um lobo, para as minhas pernas, com os beiços entreabertos, os dentes muito brancos prontos a morder. Minha carícia provocou um rosnado demorado, gutural.

— Acho bom deixar a cadela em paz — resmungou o sr. Heathcliff em unísono, batendo com o pé no chão, para pôr fim a demonstrações mais ferozes ainda. — Ela não tem costume de ser mimada... não é um animalzinho de estimação.

Depois, caminhando até uma porta lateral, gritou de novo:

— Joseph!

Joseph resmungou, indistintamente, qualquer coisa, lá das profundidades da adega, mas não deu sinais de que ia subir; em vista disso, seu patrão desceu atrás dele, deixando-me *vis-à-vis* com a mal-humorada cadela e dois cães pastores, que a acompanharam naquela vigilância desconfiada a todos os meus movimentos. Muito pouco interessado em entrar em contato com seus dentes, conservei-me imóvel; imaginando, contudo, que dificilmente eles poderiam compreender insultos tácitos, tive a infelicidade de fazer caretas para o trio e uma das contorções de minha fisionomia irritou “madama” a tal ponto que ela, de súbito, ficou furiosa e avançou contra mim. Arremessei-a para trás e apressei-me a colocar a mesa entre nós dois. Toda a matilha se encarniçou com esse meu gesto: meia dúzia de demônios quadrúpedes, de vários tamanhos e idades, surgiu de desvãos ocultos vindo ocupar o centro comum. Meus calcanhares e as bainhas de minhas calças tornaram-se os alvos particulares do assalto; e repelindo os combatentes mais avantajados, o melhor que pude, com o atizador, fui forçado a pedir, em voz alta, ajuda de alguém da casa, para restabelecer a paz.

O sr. Heathcliff e seu criado galgaram a escada da adega com fleuma irritante; creio que não se moveram um segundo mais depressa que de ordinário, embora o aposento estivesse abalado por uma verdadeira tempestade de escaramuças e gritos. Por sorte, um habitante da cozinha teve uma intervenção mais rápida: uma dama corpulenta, de vestido arregaçado, braços nus e faces afogueadas, correu para nós, brandindo uma frigideira: e utilizou-se daquela arma e da língua, com tal determinação, que a

tempestade amainou magicamente, e apenas ela própria, ofegante como o oceano após uma ventania forte, quando seu patrão entrou em cena.

— Que diabo se passou aqui? — perguntou ele, olhando-me de um modo que mal pude suportar, após aquele pouco hospitaleiro tratamento.

— Que diabo, de fato! — murmurei. — A vara de porcos endemoniados não poderia ter dentro de si espíritos mais malignos do que estes seus animais, sr. Heathcliff. Seria preferível o senhor deixar um estranho com uma ninhada de tigres!

— Eles não se intrometem com as pessoas que não tocam em coisa alguma — observou meu senhorio, pondo a garrafa diante de mim e consertando a mesa atrapalhada. — Os cães têm o direito de se mostrar vigilantes. Aceita um copo de vinho?

— Não, obrigado.

— Não foi mordido, foi?

— Se tivesse sido, teria deixado minha marca no mordedor.

A fisionomia de Heathcliff relaxou-se num sorriso.

— Calma, calma! — disse ele. — Está nervoso, sr. Lockwood. Tome um pouco de vinho. As visitas são tão raras nesta casa que eu e meus cães, tenho de confessar, não estamos acostumados a recebê-las. À sua saúde!

Fiz uma mesura, retribuindo o brinde; começava a perceber que seria tolice ficar de cara torcida por causa da incontinência de um bando de cães. Além do mais, não me sentia disposto a deixar o outro divertir-se à minha custa; pois a verdade é que sua atitude tomara esse rumo. Heathcliff — provavelmente levado pela prudente consideração de que seria tolice ofender um bom inquilino — afastou-se um pouco da lacônica maneira de resmungar os pronomes e os verbos auxiliares, e passou a falar sobre um assunto que julgava ser de meu interesse: as vantagens e desvantagens de meu atual lugar de retiro. Abordou a questão com inteligência; e, antes de voltar para casa, senti-me encorajado até o ponto de marcar outra visita para o dia seguinte. Ele, evidentemente, não desejava que meu intrometimento se repetisse. Eu estava disposto a ir, contudo, de qualquer maneira. É espantoso quanto eu me sentia sociável, em comparação com ele.

## Capítulo II

A tarde de ontem foi enevoada e fria. Tive de passá-la em meu escritório, em vez de caminhar pelas charnecas e pela lama, até Morro dos Ventos Uivantes. Quando terminei o jantar, contudo (N. B. — Almoço entre meio-dia e uma hora; a governanta, que acompanhou a casa como um dos móveis, não pôde, ou não quis, compreender meu desejo de ser servido às cinco horas), depois de subir a escada preguiçosamente, ao entrar no quarto, vi uma criada, ajoelhada, rodeada de escovas e panos de chão, levantando uma poeira infernal, ao apagar o fogo com montões de cinza. Esse espetáculo me fez recuar imediatamente; peguei o chapéu e, depois de uma caminhada de quatro milhas, cheguei ao jardim de Heathcliff justamente a tempo de escapar dos primeiros flocos de uma nevada.

A terra do alto do morro estava coberta por uma camada dura de gelo e a frialdade do ar me fazia tremer o corpo inteiro. Não tendo conseguido retirar a corrente, pulei o portão e, correndo pelo caminho calçado, margeado por moitas de groselhas, bati na porta, em vão, pedindo entrada, até que minhas mãos começaram a sentir câibras e os cães a uivar.

— Malditos irracionais! — gritei mentalmente. — Vocês merecem o isolamento a que sua espécie vive condenada por sua falta de hospitalidade. Pelo menos durante o dia, a porta não deveria estar fechada para mim. Mas não importa, vou entrar!

Assim disposto, agarrei a aldraba e sacudi-a, com toda a força. A cabeça de Joseph apareceu numa janela redonda do celeiro.

— Que deseja? — gritou. — O patrão está caçando. Dê a volta pelo fim do caminho, se quer falar com ele.

— Não há ninguém em casa para abrir a porta? — retruquei.

— Só está a senhora; e ela não vai abrir a porta, mesmo que o senhor bata até de noite.

— Por quê? Não pode dizer-lhe que sou eu, Joseph?

— Eu, não! Não tenho nada com isto — resmungou a cabeça, desaparecendo.

A neve começou a cair pesadamente. Agarrei a aldraba, para fazer outra tentativa, quando um rapaz sem casaco e com um ancinho no ombro

apareceu no pátio. Fez sinal para acompanhá-lo, e, depois de atravessarmos uma lavanderia e uma área calçada onde havia um depósito de carvão, uma bomba e um pombal, chegamos ao aposento enorme, agradavelmente aquecido, onde eu fora recebido da outra vez. O aposento resplandecia, deliciosamente, ao clarão de um fogo imenso composto de carvão, turfa e lenha; e, perto da mesa, posta para uma ceia completa, tive o prazer de observar a *senhora*, pessoa de cuja existência não desconfiara antes. Fiz uma mesura e esperei, pensando que ela fosse convidar-me a sentar-me. Ela me olhou, recostada na cadeira, e permaneceu imóvel e muda.

— Que tempo horrível! — observei. — Receio, sra. Heathcliff, que a porta tenha sofrido as consequências da displicência de seus criados: custei a fazê-los me ouvir.

Ela continuou sem abrir a boca. Olhei, e ela olhou também: ou por outra, fixou os olhos em mim, como se não estivesse vendo, com um modo frio, grandemente embaraçoso e desagradável.

— Sente-se — resmungou o rapaz. — Ele não tardará a voltar.

Obedeci; tirei um cigarro e chamei a malvada Juno, que se dignou, neste segundo encontro, a mover a extremidade da cauda, em sinal de que me reconheceria.

— Lindo animal! — comentei de novo. — A senhora pretende distribuir os filhotes, madama?

— Não são meus — respondeu a amável anfitriã, com mais má vontade que o próprio Heathcliff teria respondido.

— Ah! Seus favoritos são estes? — continuei, voltando-me para uma almofada que a sombra obscurecia e cheia de gatos, segundo parecia.

— Estranha escolha de favoritos! — observou a senhora, desdenhosamente.

Infelizmente, tratava-se de alguns coelhos mortos. Tirei outro cigarro e aproximei-me mais da lareira, repetindo meu comentário sobre o mau tempo.

— O senhor não devia ter saído — disse a senhora, levantando-se e tirando, na lareira, duas das caixas pintadas.

Até então, estava escondida pela sombra; agora, pude ver, distintamente, todo o seu corpo e seu rosto. Era esbelta, e parecia mal saída da adolescência; admiravelmente bem-feita de corpo e o rostinho mais interessante que eu já tivera o prazer de ver em minha vida: feições delicadas, e lindas; cabelos

louros, ou antes cor de ouro, caindo soltos sobre o pescoço delicado; e olhos que, se tivessem uma expressão agradável, seriam irresistíveis. Felizmente para o meu impressionável coração, o único sentimento que eles irradiavam oscilava entre o desdém e uma espécie de desespero, que parecia, ali, singularmente pouco natural. De onde estava, era-lhe difícil atingir as caixas; fiz menção de ajudá-la; ela virou-se para mim, como faria um avarento, se alguém quisesse ajudá-lo a contar seu ouro.

— Não preciso de sua ajuda! — exclamou. — Posso alcançá-las sozinha.

— Desculpe-me! — apressei-me em replicar.

— Foi convidado para tomar chá? — perguntou ela, amarrando um avental no vestido preto e pondo-se de pé, com uma colher de folhas de chá erguida sobre o bule.

— Aceitarei uma xícara, com muito prazer.

— Foi convidado? — repetiu.

— Não — respondi, com um meio sorriso. — A senhora é a pessoa indicada para me convidar.

Ela empurrou o chá para um lado, com colher e tudo, e voltou à sua cadeira; franziu a testa e seu lábio inferior, muito vermelho, pendeu, como o de uma criança prestes a chorar.

Enquanto isto, o rapaz colocara em cima do corpo um casaco decididamente andrajoso e, de pé diante do fogo, olhava para mim, debaixo para cima, de soslaio, como se houvesse um ódio mortal entre nós dois. Comecei a imaginar se seria ou não um criado: tanto sua roupa como seu modo de falar eram rudes, inteiramente destituídos daquela superioridade que se podia observar no sr. e na sra. Heathcliff; seus espessos cabelos castanhos eram maltratados e malpenteados; suíças eriçadas cobriam-lhe as faces: contudo, seu porte era desempenado, quase altivo, e ele não demonstrava as atenções de um criado para com a dona da casa. Na ausência de provas claras sobre sua condição, pareceu-me melhor abster-me de notar sua curiosa conduta; e cinco minutos depois, a entrada de Heathcliff me aliviou, de certo modo.

— Como se vê, Heathcliff, aqui estou, de acordo com a minha promessa! — exclamei, jovialmente. — E receio que o mau tempo me prenda aqui por meia hora, se o senhor me quiser conceder abrigo por esse tempo.

— Meia hora? — disse ele, tirando a neve da roupa. — Não creio que o senhor deva escolher o apogeu de uma tempestade de neve para enfrentá-la.

Sabe que se arriscou de perder-se nos brejos? Mesmo as pessoas familiarizadas com essas charneças frequentemente perdem o caminho em noites iguais à de hoje. E posso afirmar-lhe que não há possibilidade de o tempo mudar agora.

— Talvez eu arranje, para servir-me de guia, um de seus empregados, que possa ficar na Granja até amanhã cedo... O senhor não me pode ceder um?

— Não, não posso.

— Sim, senhor! Então, tenho de confiar em minha própria capacidade.

— Hum!

— Vai fazer o chá? — perguntou o rapaz do casaco rasgado, tirando de mim seus olhos ferozes, para pousá-los na jovem senhora.

— *Ele* vai tomar chá? — perguntou a jovem, dirigindo-se a Heathcliff.

— Quer fazer o favor de prepará-lo? — Foi a resposta, dita com tanta grosseria que eu me espantei.

O tom com que estas palavras foram ditas revelavam maus sentimentos. Não me senti mais inclinado a considerar Heathcliff como um bom sujeito. Quando os preparativos terminaram, ele me convidou com um: “Agora, faça o favor de trazer sua cadeira”. E nós todos, inclusive o rapaz malvestido, sentamo-nos à mesa: um silêncio pesado se fez, enquanto tomávamos a refeição.

Pensei que, uma vez que fora eu que provocara o mal-estar, cumpria-me também desfazê-lo. Não era possível que eles se sentassem à mesa, todo santo dia, sombrios e taciturnos; por mais mal-humorados que fossem, aquelas carrancas dos três não podiam ser suas expressões habituais.

— É engraçado — comecei, no intervalo decorrido entre uma xícara de chá que bebera e outra que me era servida —, é engraçado como os hábitos podem moldar nossos gostos e ideias: muita gente não pode imaginar que possa haver felicidade numa vida de tão completo afastamento da sociedade como a que o senhor leva, sr. Heathcliff; no entanto, atrevo-me a dizer que, cercado por sua família, e com sua amável senhora como gênio tutelar do seu lar e do seu coração...

— Minha amável senhora! — interrompeu Heathcliff, com um sorriso quase diabólico nos lábios. — Onde está ela... minha amável senhora?

— Refiro-me à sra. Heathcliff, sua esposa.

— Ah! sim... O senhor quer dizer que seu espírito assumiu o lugar de anjo tutelar e guardião do Morro dos Ventos Uivantes, embora seu corpo tenha partido. Não é isso?

Percebendo o erro que cometera, tentei corrigi-lo. Eu devia ter visto que havia muita diferença de idade entre os dois para que fossem marido e esposa. Ele tinha cerca de quarenta anos, idade de vigor mental em que os homens raramente acariciam a ilusão de serem desposados por amor pelas mulheres jovens: essa ilusão é reservada ao consolo da velhice. Ela parecia não ter ainda 17 anos.

Tive, então, uma ideia.

“O rústico que se encontra a meu lado, tomando chá numa tigela e comendo pão com as mãos sujas, talvez seja seu marido: o Heathcliff mais moço, naturalmente. Eis a consequência de ser enterrada viva: ela se apressou em aceitar esse traste, porque ignorava que existissem homens melhores! Uma tristeza... Preciso ter cuidado de não fazê-la lamentar sua escolha...”

Esta última reflexão pode parecer presunçosa, mas não era. Meu vizinho era quase repulsivo, e, quanto a mim mesmo, eu sabia, pela experiência, ser bem-aceitável.

— A sra. Heathcliff é minha nora — disse Heathcliff, corroborando minhas deduções.

Ele se voltou, enquanto falava, um olhar inconfundível na direção da moça: um olhar de ódio, a não ser que se tratasse de um perverso jogo dos músculos faciais que não podiam, como os das outras pessoas, interpretar a linguagem de sua alma.

— Ah! sem dúvida... agora compreendo. O senhor é o feliz possuidor desta fada benfazeja — observei, voltando-me para o meu vizinho.

Foi pior ainda que antes: o rapaz tornou-se carmesim e cerrou os punhos, dando perfeita impressão de que premeditava um ataque.

Pareceu, contudo, ter-se dominado imediatamente e apaziguou a tempestade soltando um palavrão, pela metade, em voz baixa, ao qual, contudo, tive o cuidado de não prestar atenção.

— Foi infeliz em suas conjeturas — observou meu anfitrião. — Nenhum de nós tem o privilégio de possuir a fada benfazeja; seu marido morreu. Eu disse que ela é minha nora, portanto deve ter-se casado com meu filho.

— E este jovem é...

— Não é meu filho, de modo algum.

Heathcliff sorriu de novo, como se fosse muita ousadia atribuir-lhe a paternidade daquele urso.

— Meu nome é Hareton Earnshaw — resmungou o outro. — E aconselho-o a respeitá-lo.

— Não mostrei desrespeito. — Foi minha resposta, rindo-me, por dentro, da compenetração com que ele se apresentava.

O rapaz encarou-me fixamente por mais tempo do que eu me atrevia a retribuir-lhe o olhar, receando ser tentado ou a dar-lhe uma bofetada ou a tornar audível minha hilaridade. Comecei a me sentir profundamente desambientado naquele agradável círculo de família. A pesada atmosfera espiritual prevaleceu e neutralizou de sobra a comodidade física que havia em torno de mim; resolvi mostrar-me cauteloso antes de me arriscar uma terceira vez.

Terminada a tarefa de comer e, como ninguém tentasse manter uma conversa, aproximei-me da janela, para olhar o tempo. Foi triste o espetáculo que vi: uma noite escura caindo prematuramente, o céu e os montes misturados numa violenta ventania e sufocante nevada.

— Acho que me é impossível chegar em casa, agora, sem um guia! — Não pude deixar de exclamar. — As estradas já estão cobertas de neve. E mesmo se não estivessem, eu não conseguiria avistar um passo na minha frente.

— Hareton, leve aqueles 12 carneiros para a varanda do celeiro — disse Heathcliff. — A neve os cobrirá, se ficarem no aprisco a noite toda.

— Que devo fazer? — prossegui, com crescente irritação.

Minha pergunta ficou sem resposta. E, olhando em torno, só vi Joseph carregando um balde de mingau para os cães e a sra. Heathcliff debruçada sobre o fogo, divertindo-se em queimar um feixe de fósforos que caíra da lareira, quando ela fora tornar a colocar as caixas de chá em seu lugar. Joseph, depois de ter executado sua tarefa, contemplou a sala com olhar severo e resmungou entre dentes:

— Não sei como a senhora pode ficar aí sem fazer nada, quando todos saíram! Mas a senhora é assim mesmo e não adianta falar. Não se corrige e irá para o diabo, como sua mãe foi antes!

Imaginei, por um momento, que essa demonstração de eloquência fosse dirigida a mim. E, suficientemente irritado, avancei contra o velho patife, com intenção de tocá-lo a pontapés pela porta afora.

A sra. Heathcliff, porém, antecipou-se a mim pela resposta que deu.

— Seu velho escandaloso, hipócrita! — disse ela. — Não tem medo de ver seu corpo levado, sempre que diz o nome do diabo? Aconselho-o a se abster de provocar-me, senão pedirei seu desaparecimento com um favor especial. Pare! Escute, Joseph — continuou, tirando de uma prateleira um livro comprido e preto. — Vou mostrar-lhe como já progredi na magia negra. Em breve, serei capaz de fazer uma limpeza em regra na casa, por meio dela. A vaca vermelha não morreu por acaso, e seu reumatismo não pode ser considerado como um presente da Providência!

— Desgraçada, desgraçada! — murmurou o velho. — Que o Senhor nos livre do mal!

— Não, réprobo! Você é um desgraçado. Suma, ou vou feri-lo gravemente! Já fiz as imagens de vocês todos de argila e de cera, e o primeiro de vocês que exceder os limites, eu... Não vou dizer o que farei, mas hão de ver! Vá-se embora, que não me descuido de você!

Os belos olhos da bruxinha tornaram-se malignos e Joseph, tremendo com indisfarçável horror, fugiu, rezando e repetindo “desgraçada!”. Achei que a atitude da jovem não passava de uma brincadeira atrevida; e, quando ficamos sós, tentei interessá-la pelas minhas desventuras.

— Sra. Heathcliff! — exclamei, com veemência. — Deve desculpar-me por tê-la perturbado. Presumo que assim seja, porque, pelo seu rosto, estou certo de que a senhora não pode deixar de ser boa. Por favor, assinale-me alguns marcos do caminho pelos quais eu consiga voltar para casa: não tenho mais ideia de como chegar ali do que a senhora teria de como chegar a Londres!

— Siga o caminho pelo qual o senhor veio — respondeu a jovem, acomodando-se numa cadeira, com uma vela e o grande livro aberto diante dela. — É um conselho breve, mas o melhor que posso dar.

— Quer dizer que, se a senhora souber que fui encontrado morto num pântano ou num poço cheio de neve, sua consciência não lhe dirá que foi, em parte, por sua culpa?

— Como assim? Não posso acompanhá-lo. Não me deixariam ir além do muro do jardim.

— *A senhora!* Eu não consentiria que a senhora cruzasse a soleira da porta por minha causa, numa noite assim! — exclamei. — Queria que me *dissesse*

o caminho e não que me *mostrasse*; ou, então, que persuadissem o sr. Heathcliff a me arranjar um guia.

— Quem? Só há ele próprio, Earnshaw, Zillah, Joseph e eu... Quem seria?

— Não há trabalhadores na fazenda?

— Não. Só estes.

— Quer dizer, então, que sou obrigado a ficar.

— Resolva com o dono da casa. Não tenho nada com isso.

— Espero que isso lhe sirva de lição para não andar fazendo excursões por estas montanhas — gritou a voz áspera de Heathcliff, da porta da cozinha. — Quanto à ideia de ficar aqui, não tenho acomodações para visitantes; se ficar, terá que compartilhar o leito de Hareton ou Joseph.

— Posso dormir numa cadeira nesta sala, — retruquei.

— Não, não! Um estranho é um estranho, seja ele rico ou pobre. Não poderei permitir que qualquer um fique à vontade dentro de casa, enquanto eu esteja afastado, de maneira que possa apanhar-me desprevenido! — disse o patife, com toda a grosseria.

Minha paciência esgotou-se diante desse insulto. Com uma expressão de revolta no rosto dirigi-me ao pátio, chocando-me com Earnshaw, em minha pressa. Estava tão escuro que não pude ver por onde poderia sair; e, enquanto eu caminhava em torno, ouvi outra demonstração da boa educação daquela gente, no trato entre si. A princípio, o rapaz pareceu inclinado a se mostrar amistoso para comigo.

— Vou levá-lo até ao parque — disse.

— Vá levá-lo para o inferno! — exclamou seu patrão, ou fosse lá o que fosse dele. — E quem é que tomará conta dos cavalos, hem?

— A vida de um homem tem mais importância que descuidar dos cavalos por uma noite — murmurou a sra. Heathcliff, mais bondosa do que eu esperava.

— Não por sua ordem! — retrucou Hareton. — Se ficou interessada por ele, é melhor ficar calada.

— Então, espero que a alma dele o persiga e espero que o sr. Heathcliff não arranje outro inquilino até que a Granja fique em ruínas! — retorquiu a jovem, asperamente.

— Lá está ela insultando-os! — resmungou Joseph, em direção ao qual eu caminhava.

Estava sentado próximo de mim, ordenando as vacas à luz de uma lanterna, da qual me apoderei, sem cerimônia, e, gritando que a devolveria no dia seguinte, corri para o portão mais próximo.

— Patrão, patrão! Ele está furtando a lanterna! — gritou o velho, correndo atrás de mim. — Pega, Mordedor! Pega, cachorro! Agarre-o, lobo! Agarre-o!

No momento em que eu abria o portão, dois monstros cabeludos avançaram contra mim pegando-me pelo pescoço, derrubando-me e apagando a luz, ao mesmo tempo que as gargalhadas misturadas de Heathcliff e Hareton levavam ao máximo minha raiva e humilhação. Felizmente, os cães pareciam mais inclinados a estender as patas, uivar e agitar as caudas do que me devorar vivo; não tolerariam, contudo, a ressurreição e fui forçado a ficar estendido até que os seus malévolos donos se dignassem a me libertar. Então, sem chapéu e tremendo de raiva, ordenei aos canalhas que me deixassem sair — ante a ameaça de me prenderem um minuto mais — com várias ameaças incoerentes de vingança, que, por sua indefinida virulência, fazia lembrar o rei Lear.

A veemência de minha agitação provocou uma copiosa hemorragia do nariz, o que fez Heathcliff tornar a rir e eu tornar a insultar. Não sei como a cena teria terminado, se não aparecesse uma pessoa mais racional do que eu e mais benevolente que meu interlocutor. Foi Zillah, a robusta governanta, que, afinal, saiu para ver o motivo da gritaria. Pensou que algum deles tivesse me espancado; e, não se atrevendo a atacar o patrão, voltou sua artilharia verbal contra o patife mais moço.

— Então, sr. Earnshaw — gritou —, que será que o senhor vai aprontar agora? Vai matar os outros bem na porta de nossa casa? Estou vendo que esta casa não me serve... Olhe para o pobre homem! Que estado! Vamos, vamos, não fique assim! Entre, para eu fazer um curativo. Vamos, fique bem quieto.

Com estas palavras, ela atirou de repente um jarro de água gelada em meu pescoço e me puxou para a cozinha. O sr. Heathcliff acompanhou-nos, com o acidental acesso de alegria já sufocado pela habitual melancolia.

Eu sentia um profundo mal-estar, tonteira e fraqueza e, assim, fui obrigado a aceitar hospedagem embaixo de seu teto. Ele ordenou a Zillah que me desse um copo de aguardente e, em seguida, entrou para o interior da casa, enquanto a governanta me consolava dos meus infortúnios, depois

de obedecer à ordem do patrão, o que me reviveu de certo modo, levou-me para a cama.

### Capítulo III

Enquanto me conduzia para o andar de cima, Zillah me recomendou esconder a vela e não fazer barulho, pois seu patrão tinha uma cisma estranha com o quarto onde ela iria alojar-me e somente muito contrariado é que permitia que alguém se acomodasse ali. Perguntei o motivo. Não sabia, respondeu Zillah. Morava ali apenas há um ou dois anos e os moradores tinham tanta coisa esquisita que não lhe convinha ser muito curiosa.

Demasiadamente abatido, por meu lado, para me mostrar curioso, fechei a porta e olhei em torno, procurando a cama. O mobiliário consistia apenas em uma cadeira, um guarda-roupa e uma grande arca de carvalho, com aberturas quadradas perto do tampo, parecidas com as janelas de uma carruagem. Tendo-me aproximado desse móvel, olhei para dentro e percebi que se tratava de uma espécie singular de leito em velho estilo, muito adequadamente construído para evitar a necessidade de cada membro da família ter quarto próprio. De fato, formava um pequeno armário, e o ressalto da janela, que o fechava, servia de mesa. Entrei com a vela, tornei a fechar o móvel e me senti protegido contra a vigilância de Heathcliff ou de qualquer outra pessoa. O ressalto, onde coloquei a vela, tinha alguns livros mofados, empilhados a um canto, e a tinta com que fora pintado estava toda riscada. A única coisa escrita, contudo, era um nome repetido em todos os tipos de letras, grandes e pequenos — *Catherine Earnshaw*, aqui e ali variado para *Catherine Heathcliff* e, depois, para *Catherine Linton*.

No tedioso silêncio, encostei a cabeça na janela e continuei soletrando *Catherine Earnshaw* — *Heathcliff* — *Linton*, até meus olhos se fecharem. Não havia descansado, contudo, cinco minutos, quando um clarão de letras brancas surgiu da escuridão tão vivas como espectros — o ar formigava *Catherine*. E, ao me erguer para dispersar o nome intrometido, descobri o pávio da vela reclinado sobre um dos velhos volumes e achei o quarto com cheiro de couro de bezerro queimado. Afastei-o e, sentindo profundo mal-estar com a frialdade e a náusea, sentei-me e pus no colo o volume estragado. Era um Testamento, em tipo miúdo e cheirando horrivelmente a mofo; o frontispício trazia a inscrição: “Este livro pertence a *Catherine Earnshaw*”, e uma data que remontava a um quarto de século antes. Fechei-o e peguei

outro, depois outro livro, até tê-los examinado todos. A biblioteca de Catherine era seleta, e seu estado lamentável mostrava que fora bem usada, embora não inteiramente para um objetivo legítimo: era raro o capítulo que não tivesse um comentário escrito à tinta — ou pelo menos a aparência de um comentário — cobrindo todo o espaço em branco deixado pelo impressor. Alguns consistiam em frases soltas; outros assumiam a forma de um diário regular, rabiscados por mão inexperiente de criança. No alto de uma página extra (um verdadeiro tesouro, provavelmente, com suas luminuras originais), encontrei, divertindo-me profundamente, uma excelente caricatura de meu amigo Joseph — esboçada em traços rudes, porém vigorosos. Um interesse imediato me prendeu à desconhecida Catherine e comecei a decifrar seus apagados hieróglifos.

“Um horrível domingo!”, começava o parágrafo embaixo: “Quem dera que meu pai já tivesse voltado! Hindley é um detestável substituto — sua conduta para com Heathcliff é atroz. Eu e H. vamos rebelar-nos. Demos esta noite o primeiro passo.

“Choveu torrencialmente durante todo o dia; não pudemos ir à igreja, de maneira que Joseph teve que fazer uma reunião no sótão; e, enquanto Hindley e sua mulher se acomodavam, no andar térreo, diante de um fogo acolhedor — fazendo tudo menos ler a Bíblia, eu tive de assistir ao culto —, eu, Heathcliff e o desventurado jornaleiro tivemos ordem de pegar nossos livros de reza e subir; fomos acomodados num saco de trigo, gemendo e tremendo, e com esperança de que Joseph também tremesse de frio, de sorte que, em benefício próprio, nos ministrasse uma reza curta. Vã esperança! O culto durou exatamente três horas, e, no entanto, meu irmão teve a petulância de exclamar, quando nos viu descer: ‘O quê? Já acabou?’ Nas noites de domingo, tínhamos licença de brincar, contanto que não fizéssemos muito barulho; agora, basta um riso abafado para ficarmos de castigo.

“‘Estão se esquecendo de que esta casa tem dono’ diz o tirano. ‘Arrasarei o primeiro que me fizer perder a paciência! Exijo que se comportem bem e que guardem silêncio. Ah! Era você? Frances, meu bem, puxe o cabelo dele, quando passar; ouvi-o chupar o dedo.’

“Frances puxava o cabelo dele, com toda a força, e depois ia sentar-se no colo do marido. E lá ficavam eles, como duas criancinhas, beijando-se e dizendo tolices durante uma hora — tolices que teríamos vergonha de dizer.

Brincávamos o melhor que permitiam nossos meios embaixo da cômoda. Eu acabara de amarrar nossos aventais e pendurá-los, para servir de cortina, quando apareceu Joseph, vindo do estábulo. Desfez meu trabalho manual, puxou minhas orelhas e gritou:

“O patrão mal acabou de ser enterrado e o dia de descanso do Senhor não terminou e vocês têm coragem de brincar! Que vergonha! Sentem-se, crianças malvadas! Há muitos bons livros para ler! Sentem-se e meditem sobre a salvação de suas almas!”

“Assim dizendo, ele nos obrigou a assumirmos tal posição tão bem-iluminada pelo distante fogo da lareira que ficamos em condição de ver o texto do livro que atirou contra nós. Não me sujeitei à tarefa. Agarrei o encardido volume e atirei-o ao canil, gritando que detestava os bons livros. Heathcliff atirou o seu, com um pontapé, ao mesmo lugar. Foi um alvoroço!

“‘Sr. Hindley!’, gritou nosso capelão. ‘Patrão, venha cá! A srta. Cathy jogou fora o *Leme da salvação* e Heathcliff meteu o pé na primeira parte de *O caminho da perdição*! O patrão os teria tratado devidamente, mas ele se foi!’

“Hindley levantou-se do paraíso da lareira e, agarrando um de nós pela gola e outro pelo braço, arrastou-nos para a cozinha, onde, afirmou Joseph, o velho Nick nos vigiaria, tão certo como dois e dois são quatro. E, assim confortados, dispusemo-nos a aguardar os acontecimentos. Tirei este livro e um vidro de tinta de uma prateleira, entreabri a porta, para conseguir luz e passei o tempo escrevendo durante vinte minutos; meu companheiro, porém, é impaciente e propôs que nos apoderássemos do capote da leiteira, para irmos passear pelas charnecas sob esse abrigo. Proposta sedutora — e, depois, se o rabugento velho aparecesse, acreditaria que sua profecia se cumpriria — e não ficaríamos mais molhados ou mais frios na chuva do que ali.”

★ ★ ★

Suponho que Catherine levou avante seu projeto, pois a frase seguinte abordou outro assunto: tornou-se lacrimosa:

“Não imaginei que Hindley me fizesse chorar assim”, escreveu. “Sofro tanto que não consigo ficar deitada; e nada posso fazer. Coitado de Heathcliff! Hindley chamou-o de vagabundo e proibiu-o de sentar-se conosco e comer ao nosso lado; disse que nós dois não podemos mais brincar juntos e ameaçou expulsá-lo, se não obedecermos às suas ordens.

Tem censurado nosso pai (como se atrevel!) por tratar H. com muita liberalidade e jura que o colocará em seu devido lugar.”

★ ★ ★

Comecei a cabecear, cheio de sono, sobre a página encardida, passei os olhos do manuscrito para as letras impressas. Vi um título em letras vermelhas, ornamentadas *Setenta vezes sete*, e o *Primeiro dos setenta e um* e *Um piedoso sermão* pronunciado pelo reverendo Jabes Branderham, na capela de Gimmerton Sough. E, enquanto meio consciente, meu espírito imaginava o que teria Jabes Branderham dito sobre o assunto, tornei a afundar-me no leito e adormeci. Lamentáveis efeitos de um mau chá e de um mau gênio! Que poderiam fazer senão obrigar-me a passar uma noite tão horrível? Não me lembro de outra comparável, desde que sou capaz de sofrer...

Comecei a sonhar quase logo que cessei de ter consciência do ambiente em que me encontrava. Tive a impressão de que era manhã e que eu tomara o caminho de casa, com Joseph servindo de guia. A neve cobria o caminho que seguíamos, numa espessura de jardas; e, enquanto avançávamos, meu companheiro me censurava, constantemente, porque eu não trouxera um bastão de peregrino, afirmando que jamais eu poderia entrar em casa sem um deles e exibindo, com jactância, um grosso cacete, que percebi que era aquilo que ele assim denominava. Durante um momento, achei um absurdo precisar de tal arma para conseguir entrar em minha própria residência. Depois, uma nova ideia me atravessou o espírito. Eu não estava indo para casa: viajava para ouvir o famoso Jabes Branderham pregar sobre o texto *Setenta vezes sete*; e, ou Joseph, ou o Pregador, ou eu próprio, havíamos cometido o *Primeiro dos setenta e um* e íamos ser publicamente denunciados e excomungados.

Chegamos à capela. Em meus passeios, eu já passara por ali, duas ou três vezes; ficava num vale profundo, entre dois morros: um vale elevado, perto de uma charneca, cuja umidade turfosa, segundo se diz, executa perfeitamente a missão de embalsamar os poucos corpos ali enterrados. O telhado tem se conservado até hoje; mas, como a cônica é apenas de vinte libras por ano e a casa tem dois cômodos, ameaçados de se transformar num só, dentro em pouco, nenhum clérigo aceitará os deveres de pastor, especialmente quando se sabe que seu rebanho preferiria deixá-lo morrer de

fome a aumentar seus emolumentos de um níquel tirado de seus próprios bolsos. No meu sonho, contudo, Jabes contava com uma congregação grande e atenta; e que sermão pregava, Deus do céu! Dividido em *490 partes*, cada uma das quais perfeitamente igual a uma oração normal feita de um púlpito e cada uma discutindo, separadamente, um pecado! Onde os descobriu, não posso dizer. Tinha uma maneira diferente de interpretar a frase e parecia necessário que o irmão pecasse diferente em cada ocasião. Eram curiosíssimos: estranhas transgressões que eu nunca imaginara antes.

Como me enfadei! Como me mexi, bocejei, cabeceei e tornei a reanimar-me! Quantas vezes me belisquei e esfreguei os olhos, levantei-me e sentei-me de novo, e puxei Joseph pelo braço, para perguntar-lhe se ele jamais fizera aquilo. Fui condenado a ouvir tudo; finalmente, chegou ao *Primeiro dos setenta e um*. Naquela crise, uma súbita inspiração me alcançou; dispus-me a levantar e acusar Jabes Branderham como pecador do pecado para o qual nenhum cristão precisa perdão.

— Senhor! — exclamei. — Aqui sentado, dentro destas quatro paredes, sofri e perdoei os 490 títulos de seu sermão. Setenta vezes sete vezes pus o chapéu na cabeça e estive a pique de partir e setenta vezes me obriguei, com esforço, a sentar-me de novo. É muita coisa, 490 vezes. Companheiros de martírio, a ele! Arrastai-o e reduzi-o a átomos, que o lugar que o conhece não mais o conheça!

— Tu és homem! — gritou Jabes, depois de pausa solene, debruçando-se no púlpito. — Setenta vezes sete vezes tu contorceste teu rosto, setenta vezes sete vezes aconselhei-me com minha alma... Eis que surge a fraqueza humana: também este pode ser absolvido! O *Primeiro dos setenta e um* surgiu. Irmãos, executai sobre ele o julgamento escrito. Tal honra têm todos os seus santos!

Com estas conclusivas palavras, toda a assembleia, erguendo seus bastões de peregrino, correu sobre mim como um só homem; e, não tendo eu nenhuma arma para erguer em defesa própria, comecei a lutar para tomar a de Joseph, o mais próximo e mais feroz dos atacantes. Na confluência da multidão, vários bastões se cruzaram; pancadas que me eram destinadas caíram sobre outras cabeças. Toda a capela ressoou com pancadas e contrapancadas: as mãos de todos os homens se ergueram contra as de seus vizinhos; e Branderham, não desejando permanecer inerte, demonstrou vigorosamente seu zelo, esmurrando as bordas do púlpito, que retumbou

com tal força que, afinal para meu indizível alívio, me acabou acordando. E que se passava para sugerir aquele tremendo tumulto? Quem desempenhava o papel de Jabes no púlpito? Simplesmente o galho de um abeto que chegava até a janela, empurrado pelo vento, e martelava suas pontas secas de encontro aos vidros! Ouvi, durante um instante, duvidando; percebi de onde vinha o ruído, depois virei-me, dormi e sonhei de novo: se possível, um sonho ainda mais desagradável que o anterior.

Dessa vez, lembro-me de que estava deitado no armário de carvalho e ouvindo distintamente o uivo do rio com o uivo do vento arrastando a neve; ouvia, também, o galho de pinheiro repetir seu ruído provocante e atribuí-o à Justa Causa: ele me desagradava tanto, porém, que resolvi silenciá-lo, se fosse possível, e, tive a impressão de ter-me levantado e tentado prender o batente da janela. O gancho estava preso na lingueta: circunstância que eu observara quando acordado, mas da qual me havia esquecido.

— Preciso imobilizá-la, contudo! — murmurei, dando um murro na vidraça e estendendo um braço para segurar o galho importuno.

Em vez de pegá-lo, porém, meus dedos se fecharam sobre os dedos de uma pequena mão, fria como o gelo! O intenso horror do pesadelo dominou-me: tentei recolher o braço, mas a outra mão manteve-o agarrado e uma voz tristíssima soluçou:

— Deixe-me entrar, deixe-me entrar!

— Quem é você? — perguntei, lutando, enquanto isto, para me desvencilhar.

— Catherine Linton — respondeu, tremendo (por que pensei em *Linton*, se lera *Earnshaw* vinte vezes em vez de *Linton*?).

— Vim para casa; perdi o caminho na charneca!

Enquanto falava, divisei, confusamente, um rosto de criança olhando através da vidraça. O terror tornou-me cruel; e, vendo que era inútil tentar desvencilhar-me da criatura, puxei seu punho para o vidro quebrado e esfreguei-o nele até o sangue escorrer e ensopar as roupas de cama. Mesmo assim, ela ainda gemeu “Deixe-me entrar” e manteve meu braço agarrado, quase me enlouquecendo de medo.

— Como poderei? — disse eu, afinal. — Deixe-me ir embora, se quer que eu a deixe entrar!

Os dedos relaxaram-se. Puxei minha mão através do vidro quebrado, arrumei, apressadamente, os livros junto dele, numa pirâmide, e tapei os

ouvidos, para não ouvir a dolorosa prece. Tive a impressão de tê-los conservado assim durante mais de um quarto de hora. No entanto, quando pude ouvir de novo, o gemido doloroso ainda se fazia ouvir!

— Vá-se embora! — gritei. — Jamais a deixarei entrar, nem se me implorar durante vinte anos.

— Há vinte anos! — lamuriou a voz. — Há vinte anos que estou desgarrada!

Ao arranjar de leve do lado de fora e a pilha de livros moveu-se, como que empurrada para diante. Tentei dar um pulo da cama, mas não me consegui mexer; gritei, então, muito alto, frenético de medo. Para minha confusão, percebi que o grito não era imaginário: passos apressados aproximaram-se da porta do quarto; alguém abriu-a com força, e uma luz coou-se através dos quadrados no alto da cama. Sentei-me, ainda tremendo e limpando o suor que me escorria da testa; o intruso pareceu hesitar e resmungou qualquer coisa consigo. Afinal, disse, em voz baixa, evidentemente sem esperar resposta:

— Há alguém aí?

Achei melhor confessar minha presença, pois reconheci a voz de Heathcliff e tive medo de que ele desse uma busca mais rigorosa, se eu me mantivesse quieto. Com essa intenção, virei-me e abri os postigos. Tão cedo não esquecerei o efeito que meu gesto produziu...

Heathcliff estava de pé junto da porta, em mangas de camisa, com uma vela na mão e o rosto pálido como a parede que estava atrás dele. O primeiro rangido do carvalho fê-lo estremecer, como um choque elétrico. A luz o impeliu de onde estava até uma distância de alguns pés e sua agitação foi tamanha que mal conseguiu recuperar-se.

— É apenas seu hóspede! — exclamei, querendo poupar-lhe a humilhação de expor ainda mais sua covardia. — Tive a infelicidade de gritar enquanto dormia, devido a um horrível pesadelo. Peço desculpas por tê-lo perturbado.

— Deus o confunda, sr. Lockwood! Tomara que o senhor estivesse nas... — começou meu hospedeiro, pondo a vela numa cadeira, por ter visto ser impossível segurá-la com firmeza. — E quem o trouxe para este quarto? — continuou, cravando as unhas na palma das mãos, e cerrando os dentes, para dominar a convulsão dos maxilares. — Quem foi? Estou disposto a expulsá-los daqui desta casa, neste momento!

— Foi sua criada, Zillah — respondi, pondo-me de pé e vestindo-me rapidamente. — Não me importo se o senhor fizer isto, sr. Heathcliff; ela bem o merece. Creio que quis obter, à minha custa, outra prova de que este quarto é mal-assombrado. E é mesmo... repleto de fantasmas e duendes! O senhor tem razão por mantê-lo fechado, garanto-lhe. Ninguém lhe agradecerá por dormir num lugar destes!

— Que está querendo dizer e que está fazendo? — perguntou Heathcliff. — Deite-se e passe o resto da noite, uma vez que já está aqui. Mas, pelo amor de Deus, não torne a fazer aquele horrível barulho, a não ser que esteja disposto a ser degolado!

— Se aquela diabinha tivesse entrado na janela, provavelmente me teria estrangulado! — repliquei. — Não estou mais disposto a sofrer a perseguição de seus hospitaleiros antepassados. O reverendo Jabes Branderham não era seu parente por lado de mãe? E aquela sirigaita, Catherine Linton, ou Earnshaw, ou seja lá que nome tinha, deve ter sido um espírito desafiador, malvado! Ela me disse que vem vagando na terra nos últimos vinte anos; justo castigo por seus pecados mortais, não tenho dúvida!

Mal dissera estas palavras, lembrei-me da associação de Heathcliff com o nome de Catherine no livro, que fugira inteiramente de minha memória, até que eu fosse assim despertado. Corei, compreendendo minha leviandade. Mas, sem demonstrar maior consciência da ofensa, apressei-me em acrescentar:

— A verdade é que passei a primeira parte da noite... — Neste ponto, parei de novo. Ia dizer “folheando aqueles velhos volumes”, mas refleti que isso teria revelado meu conhecimento de seus conteúdos impressos e manuscritos. Corrigindo-me, pois, prossegui: — ... soletrando os nomes escritos no peitoril daquela janela. Uma ocupação monótona, para ver se ficava com sono, como a gente costuma contar ou...

— Que está querendo dizer, falando deste modo comigo? — tonitruou Heathcliff, com selvagem veemência. — Como... como se atreve, sob meu próprio teto? Meu Deus! Ele é um louco para falar assim!

E esmurrava a própria testa, furioso.

Fiquei sem saber se devia ofender-me com sua linguagem ou continuar minha explicação. Ele, porém, parecia tão profundamente afetado que tive pena e continuei a contar meus sonhos, afirmando que nunca ouvira antes o nome de “Catherine Linton”, mas, lendo-o tantas vezes, ficara tão

impressionado que ele se personificara, quando perdi o domínio de minha imaginação. Heathcliff, pouco a pouco, recuou para o abrigo da cama, enquanto eu falava e, finalmente, sentou-se, quase escondido, atrás dela. Percebi, contudo, por sua respiração irregular e entrecortada, que lutava para dominar violenta e excessiva emoção. Sem querer mostrar-lhe que percebera o conflito de que era preso, continuei a me vestir ruidosamente, consultei o relógio e monologuei sobre a duração da noite:

— Nem três horas ainda! Seria capaz de jurar que já fossem seis. O tempo não anda, aqui. Sem dúvida, nós nos recolhemos às oito horas!

— Sempre às nove horas no inverno e levantamos às quatro — disse meu hospedeiro, dominando um soluço; e pelo movimento da sombra de seu braço, tive a impressão de que enxugava uma lágrima. — Sr. Lockwood — acrescentou —, pode ir para o meu quarto. Ainda é muito cedo para descer, e sua gritaria infantil me tirou inteiramente o sono.

— E a mim também — repliquei. — Vou caminhar de um lado para o outro no pátio, até amanhecer, e, então, irei embora. Não precisa recear que se repita meu intrometimento. Estou perfeitamente curado da veleidade de procurar prazer em sociedade, quer na cidade, quer no campo. Um homem sensato deve encontrar companhia suficiente em si mesmo.

— Deliciosa companhia! — murmurou Heathcliff. — Pegue a vela e vá para onde quiser. Irei logo daqui a pouquinho. Evite o pátio, porém, pois os cães estão soltos, e a *casa*, pois, Juno monta sentinela lá, e o senhor iria perder-se nas escadas e corredores. Mas vá embora! Irei dentro de dois minutos!

Obedeci, limitando-me, porém, a sair do quarto; quando, ignorando aonde levavam os estreitos corredores, fiquei parado e fui testemunha, involuntária, de uma prova de superstição por parte do meu senhorio, que contrastava estranhamente com sua aparente sensatez. Aproximou-se da cama e abriu a gelosia, entregando-se enquanto a abria, a uma incontida crise de lágrimas.

— Venha! Venha! — soluçava. — Venha, Cathy. Mais uma vez! Querida do meu coração, ouça-me desta vez, Catherine, enfim!

O espectro mostrou o capricho comum dos espectros: não deu sinal de existência. A neve e o vento, contudo, adentraram violentamente o aposento, atingindo até onde eu estava e apagando a luz.

Havia tal angústia na manifestação de pesar que acompanhou aquele delírio que minha compaixão fez-me esquecer de sua loucura e me afastei, meio irritado por tê-la ouvido e envergonhado por haver contado um pesadelo tão ridículo que produzira tal angústia; embora estivesse além de minha compreensão saber por que isso se dera. Desci, cautelosamente, para as regiões inferiores e fui dar na cozinha dos fundos, onde um fogão me permitiu tornar a acender a vela. Não havia o menor movimento, a não ser por parte de um gato rajado, que se levantou das cinzas e me saudou com um lamuriento miado.

Dois bancos, em forma de seções de um círculo, rodeavam quase completamente o fogão; espichei-me num deles e o gato subiu no outro. Estávamos ambos cochilando, quando surgiu Joseph, descendo uma escada de carpinteiro que sumia no teto, através de um alçapão: a entrada de seu sótão, segundo suponho. Depois de ter lançado um olhar sinistro à pequena chama que eu aticara, expulsou o gato de sua elevação e, acomodando-se no lugar vago, começou a encher de tabaco um cachimbo de três polegadas. Minha presença naquele seu santuário era, evidentemente, considerada como manifestação de impudência demasiadamente vergonhosa para ser observada; em silêncio, ele levou o cachimbo à boca, cruzou os braços e se pôs a fumar. Deixei-o gozar a volúpia imperturbado; e, depois de ter tirado a última baforada e dado um suspiro profundo, ele se levantou e partiu, tão solenemente quanto chegara.

Passos mais leves vieram em seguida; abri a boca para um *bom dia*, mas fechei-a de novo, sem terminar a saudação, pois Hareton Earnshaw estava pronunciando suas orações *sotto voce* numa série de pragas dirigidas contra todos os objetos em que punha a mão, enquanto se encaminhava para um canto, procurando uma pá para abrir caminho na neve. Olhou por trás do banco, dilatando as narinas e se preocupou tanto em trocar cortesias comigo como com meu companheiro, o gato. Adivinhei, por seus preparativos, que a saída era permitida e, deixando o duro banco, fiz menção de segui-lo. Ele notou e apontou para uma porta interna com a ponta da pá, dando a entender, por um som inarticulado, que ali era o lugar para onde eu deveria ir, se quisesse mudar de pouso.

Entrei na chamada *casa*, onde as mulheres já estavam em atividade. Zillah aticando chamas na chaminé com um fole colossal e a sra. Heathcliff ajoelhada na lareira, lendo um livro, ao clarão do fogo. Oferecia as mãos

trançadas ao calor do fogão e parecia absorvida em sua ocupação, só a interrompendo para advertir a criada para não cobri-la de fagulhas ou para empurrar, de vez em quando, um cão que encostava o focinho, sem cerimônia, em seu rosto. Fiquei surpreendido ao ver que também Heathcliff ali se encontrava. Estava de pé junto do fogo, de costas para mim, terminando uma tempestuosa cena com Zillah, que, de vez em quando, interrompia seu trabalho para levantar a ponta do avental e lançar um gemido indignado.

— E você, sua!... — exclamava ele, quando entrei, dirigindo-se à nora e empregando um epíteto tão inofensivo quanto pata ou ovelha, mas geralmente representado por meio de reticências. — Ai está você às voltas com suas tolices de novo! Todo mundo tem de se sustentar e você vive graças à minha caridade! Ponha esta porcaria de lado e arranje alguma coisa para fazer. Vai pagar-me por me obrigar a vê-la constantemente, está ouvindo, desgraçada?

— Vou levar minhas coisas, porque o senhor pode obrigar-me se eu recusar — respondeu a jovem, fechando o livro e atirando-o a uma cadeira. — Mas não farei coisa alguma, nem que o senhor se arrebente de tanto falar, a não ser o que eu quiser fazer!

Heathcliff ergueu o braço e a moça se colocou a uma distância mais prudente, sem dúvida familiarizada com o peso daquele braço. Não desejando divertir-me com o espetáculo de uma briga, avancei apressadamente, como se ansioso para partilhar do calor do fogão sem tomar conhecimento da discussão interrompida. Os outros todos tiveram o necessário decoro para não prosseguir as hostilidades: Heathcliff meteu as mãos nos bolsos, para livrar-se da tentação de empregá-las; a sra. Heathcliff, torcendo os lábios, foi sentar-se bem longe, disposta a brincar de estátua durante o resto de minha permanência. Esta não foi longa. Recusei compartilhar da refeição matinal e, aos primeiros albos da aurora, aproveitei a oportunidade de fugir para o ar livre, agora claro, parado e frio como um gelo impalpável.

Meu senhorio gritou-me que parasse, quando cheguei ao fim do jardim, e ofereceu-se para acompanhar-me através da charneca. Foi bom que assim fizesse, pois toda a região montanhosa estava transformada num oceano branco e encapelado, cujas saliências e fundos não indicavam elevações e depressões do terreno correspondente; muitos poços, pelo menos, estavam

cheios de neve até em cima, e cadeias inteiras de montículos, o refugio das pedreiras, riscados do mapa que a caminhada da véspera deixara gravado em meu espírito. Notei a um lado da estrada, com intervalos de seis a sete jardas, uma linha de pedras erguidas, que continuava em toda a extensão do deserto; essas pedras foram levantadas e pintadas a cal com o fim de servirem de guias na escuridão e também quando uma nevada, como a presente, provocasse confusão, fazendo as depressões parecerem caminho firme. Contudo, a não ser algum ponto escuro surgindo aqui e ali, todos os traços de sua existência haviam desaparecido, e meu companheiro achou necessário advertir-me constantemente para virar ora para a direita, ora para a esquerda, enquanto eu imaginava estar seguindo corretamente, as curvas do caminho. Trocamos poucas palavras, e parei à entrada do parque da Cruz dos Tordos, dizendo que, dali em diante, não havia perigo que eu errasse. Nossa despedida se limitou a um rápido meneio de cabeça e segui para a frente, confiando em meus próprios recursos, pois o pavilhão do porteiro ainda não estava aberto. A distância entre o portão e a Granja é de duas milhas; acredito ter conseguido aumentá-las para quatro, perdendo-me entre as árvores e afundando-me na neve até ao pescoço: experiência que somente aqueles que já a atravessaram podem avaliar. De qualquer maneira, e fossem quais fossem os caminhos por onde andei, o relógio estava batendo 12 horas quando entrei em casa, o que me dava exatamente uma hora para cada milha do caminho habitual de Morro dos Ventos Uivantes até lá.

Minha governanta e seus subordinados correram a me saudar, exclamando, tumultuosamente, que já me consideravam perdido. Todos haviam imaginado que eu tivesse morrido na noite anterior e já estavam tratando de saber o que fariam para procurar meus despojos. Pedi-lhes que se aquietassem, agora que me viam de volta, e, cansadíssimo, arrastei-me até o andar de cima, onde, depois de vestir uma roupa enxuta e caminhar de um lado para o outro durante trinta ou quarenta minutos, para recuperar o calor animal, meti-me no escritório, quase sem forças para gozar o chamejante fogo e o fumegante café que a criada preparara para me servir.

## Capítulo IV

Como somos volúveis! Eu, que estava disposto a me manter afastado de todo convívio social e agradecia ao meu destino por ter, afinal, descoberto um lugar onde tal convívio era quase impraticável — eu, desgraçada e fraca criatura, depois de lutar, até ao anoitecer, com o tédio e a solidão, fui, afinal, obrigado a arriar a bandeira. E, sob o pretexto de obter informações a respeito das necessidades de minha casa, convidei a sra. Dean, quando ela foi levar a ceia, a sentar-se, enquanto eu comia, esperando, sinceramente, que ela se mostrasse bem loquaz e capaz ou de me animar com sua conversa ou de me provocar o sono.

— A senhora mora aqui há muito tempo — comecei. — Uns 16 anos, não?

— Dezoito, sr. Lockwood. Vim quando a patroa se casara, para esperá-la. Depois que ela morreu, o patrão conservou-me, como governanta.

— Não me diga!

Seguiu-se uma pausa. Ela não era faladeira, segundo parecia, a não ser a respeito de seus próprios assuntos, coisa que dificilmente poderia interessar-me. Contudo, depois de haver meditado durante algum tempo, vendo-a apoiar uma das mãos no joelho e com uma expressão pensativa na fisionomia rude, ela exclamou:

— As coisas mudaram muito, de então para cá!

— Com efeito — observei. — A senhora deve ter visto muitas alterações.

— Vi, de fato. E muitos transtornos, também — disse ela.

“Vou fazer a conversa passar para a família de meu senhorio!”, disse a mim mesmo. “Bom assunto para se começar! E gostaria de saber a história daquela tão jovem viuvinha: se ela é nativa da região ou, o que é mais provável, uma forasteira que os rudes *indígenas* não reconhecem como igual.”

Com essa intenção perguntei à sra. Dean por que motivo Heathcliff deixara a Granja da Cruz dos Tordos, preferindo ir morar numa casa muito pior.

— Ele não é bastante rico para manter sua propriedade em boa ordem? — perguntei.

— É rico, sim! — retrucou a sra. Dean. — É, sim, embora ninguém saiba quanto dinheiro tem, e de ano para ano esse dinheiro aumenta. Sim, sim, ele é bastante rico para morar numa casa melhor que esta, mas é meio sovina e assim dispôs-se a arrendar a Granja da Cruz dos Tordos, logo que ouviu falar de um bom inquilino, não querendo perder a oportunidade de ganhar mais algumas centenas. É engraçado como certas pessoas podem ser tão ambiciosas quando estão sozinhas no mundo.

— Ele teve um filho, não teve?

— Teve sim. Morreu.

— E a jovem sra. Heathcliff é viúva dele?

— É.

— De onde ela é?

— Como? É filha de meu falecido patrão; seu nome de solteira era Catherine Linton. Fui ama dela, coitadinha! Queria que o sr. Heathcliff saísse daqui para podermos ficar juntas de novo.

— O quê! Catherine Linton! — exclamei, atônito. Mas um minuto de reflexão convenceu-me de que não se tratava de minha fantasmagórica Catherine. — Quer dizer — continuei — que o nome de meu antecessor era Linton?

— Era.

— E quem é aquele Earnshaw, Hareton Earnshaw, que mora com o sr. Heathcliff? São parentes?

— Não; ele é sobrinho da falecida sra. Linton.

— Primo da jovem senhora, então?

— É; e o marido dela também era seu primo: um por parte de mãe, outro de pai. Heathcliff casou-se com a irmã do sr. Linton.

— Vi que a casa do Morro dos Ventos Uivantes tem o nome *Earnshaw* esculpido sobre a porta da frente. Trata-se de uma família antiga?

— Muito antiga; e Hareton é o último da parte dela, como a srta. Cathy é da nossa parte... quero dizer, da parte dos Linton. O senhor esteve no Morro dos Ventos Uivantes? Peço desculpa de perguntar, mas queria saber como é que ela está passando.

— A sra. Heathcliff? Parece estar muito bem e é muito bonita. Mas creio que não é muito feliz.

— Coitada! Não é de se admirar! E o que achou o senhor do patrão?

— Um sujeito bastante grosseiro, sra. Dean. Não acha também?

— Áspero como uma lâmina de serrote e duro como uma pedra de amolar! Quanto menos o senhor mexer com ele, tanto melhor.

— Deve ter tido muitos altos e baixos na vida, para ficar tão grosseiro. Sabe alguma coisa a respeito de sua vida?

— Ele é um maluco. Sei tudo a seu respeito, exceto onde ele nasceu, quem são seus pais e como foi que começou a ganhar dinheiro. E Hareton foi posto de lado como um idiota! O infeliz rapaz é a única pessoa desta paróquia que não desconfia como foi logrado.

— Pois bem, sra. Dean. Seria um ato de caridade contar-me alguma coisa a respeito dos meus vizinhos. Sei que não descansarei se for para a cama: gostaria, portanto, de sentarmo-nos para conversar durante uma hora.

— Pois não, sr. Lockwood! Vou só pegar umas costuras e ficarei conversando pelo tempo que o senhor quiser. Mas o senhor se resfriou: eu o vi tremendo e deve tomar um caldo quente para cortar logo...

A digna mulher retirou-se e eu me acomodei mais perto do fogo; sentia calor na cabeça e muito frio no resto do corpo; além do mais, meus nervos e meu cérebro estavam excitados, quase atingindo as raias da loucura. Isso me fazia sentir não pouco à vontade, mas bastante receoso (como ainda estou) de que os incidentes de ontem, e de hoje, tivessem graves resultados. A sra. Dean voltou logo, trazendo uma tigela fumegante e um cesto de costura; e, tendo colocado a primeira no descanso de pedra junto à lareira, sentou-se em seu lugar, visivelmente satisfeita por me ver tão sociável.

— Antes que eu viesse morar aqui — começou, sem esperar novo convite para contar sua história —, estive quase sempre no Morro dos Ventos Uivantes, pois minha mãe fora ama do sr. Hindley Earnshaw, que era pai de Hareton, e eu costumava ir brincar com as crianças; eu fazia, também, trabalhos avulsos, ficando sempre pela fazenda, pronta a executar qualquer serviço de que precisassem. Numa bela manhã de verão... lembro-me de que era no começo da ceifa... o sr. Earnshaw, o velho patrão, apareceu no andar de baixo com trajos de viagem e, depois de ter dado instruções a Joseph sobre o que ele deveria fazer durante o dia, virou-se para mim, Hindley e Cathy, pois eu estava tomando caldo em companhia deles, e disse, dirigindo-se ao filho:

— Bem, meu homenzinho. Vou hoje a Liverpool. Que quer que eu lhe traga? Pode escolher o que quiser. Peço apenas que não seja muita coisa, pois

tenho de ir lá e voltar: sessenta milhas de ida e sessenta de volta não são brincadeira!

Hindley pediu uma rabeça e, em seguida, ele perguntou à srta. Cathy. Esta mal completara seis anos de idade, mas sabia montar em qualquer cavalo da estrebaria e pediu um chicote. Não se esqueceu de mim; tinha bom coração, embora fosse severo, às vezes. Prometeu trazer-me maçãs e peras, depois beijou os filhos, despediu-se de mim e partiu.

Os três dias de sua ausência pareceram um longo tempo para todos nós e muitas vezes a pequena Cathy indagou quando ele voltaria para casa. A sra. Earnshaw esperava-o para a ceia do terceiro dia e adiou a refeição hora após hora. Não havia sinal do regresso de seu marido; contudo, e, finalmente, as crianças se cansaram de ir correndo até ao portão para olhar. Escureceu de todo, afinal; a sra. Earnshaw queria mandar os filhos para a cama, mas eles tanto imploraram que ela os deixou ficar acordados. E, pouco antes das 11 horas, a porta se abriu devagar e o patrão entrou.

Atirou-se a uma cadeira, rindo e gemendo, pedindo a todos para se afastarem, pois estava quase morto e não faria mais tal caminhada por coisa nenhuma do mundo.

— E, no fim de tudo, isto! — exclamou, abrindo o sobretudo que trazia enrolado sob os braços. — Veja, minha esposa! Jamais fui tão maltratado por coisa alguma em minha vida: mas você deve receber isto como uma dádiva de Deus, embora seja quase tão escuro como se tivesse vindo do demônio!

Ajuntamo-nos em torno e, por cima da cabeça da srta. Cathy, vi uma criança de cabelos negros, suja e andrajosa. Tinha tamanho suficiente para falar e caminhar: na verdade, seu rosto parecia mais velho que o de Catherine; mas, quando foi posto de pé, limitou-se a olhar em torno e a repetir alguns resmungos que ninguém podia entender. Fiquei com medo e a sra. Earnshaw se dispôs a atirá-la pela porta afora. Perguntou, exaltada, ao marido que ideia era aquela de trazer aquele filhote de cigano para dentro de casa, quando já tinham sua própria prole para criar e alimentar! Que pretendia ele fazer com aquilo? Estaria doido? O patrão tentou explicar o caso, mas se achava, de fato, quase morto de cansaço e a única coisa que pôde fazer, no meio das censuras da esposa, foi dizer que o menino estava morrendo de fome, sem ter para onde ir, perdido nas ruas de Liverpool, onde o havia apanhado e procurado seu dono. Ninguém sabia a quem ele pertencia — revelou; e, como seu tempo e seu dinheiro eram ambos

limitados, achou preferível voltar logo com o menino para casa do que ficar na cidade, fazendo despesas inúteis, pois estava disposto a não o deixar como o encontrara. Muito bem. A conclusão foi que a patroa, embora resmungando, acabou por se acalmar, e o sr. Earnshaw me mandou lavar o menino, dar-lhe roupas limpas e levá-lo para dormir com as crianças.

Hindley e Cathy limitaram-se a olhar e ouvir, até que a paz se restabeleceu; então, começaram a revistar os bolsos do pai, procurando os presentes que ele lhes prometera. O primeiro era um rapazinho de 14 anos, mas, quando encontrou os destroços de uma rabeça dentro do sobretudo, pôs a boca no mundo; e Cathy, quando soube que o patrão perdera o chicote por causa do estranho, deu mostras de sua irritação fazendo caretas e cuspidando no idiotinha, e recebendo, de troca, uma boa palmada do pai, para ensiná-la a comportar-se. Os dois se negaram, terminantemente, a deixar o menino deitar-se em sua cama ou em seu quarto. E eu não me mostrei mais compadecida e o coloquei no patamar da escada, na esperança de que, na manhã seguinte, ele tivesse desaparecido. Por acaso, ou talvez atraído pela sua voz, o menino subiu até à porta do quarto do sr. Earnshaw que estava saindo. Foram feitas indagações a respeito de como a criança conseguira chegar ali; fui obrigada a confessar e, como recompensa por minha covardia e desumanidade, mandaram-me embora.

Assim foi Heathcliff apresentado à família. Voltando alguns dias depois (pois não considere meu banimento perpétuo), verifiquei que o haviam batizado como “Heathcliff”, nome de um filho que morrera criancinha, e, assim, ele ficou sendo desde então, servindo de nome de batismo como de sobrenome. Ele e a srta. Cathy estavam, então muito amigos, mas Hindley o odiava. E, para falar a verdade, eu também; e implicávamos e perseguíamos-lo impiedosamente, pois eu não tinha juízo bastante para compreender a injustiça que cometia e a patroa jamais o defendia, quando o via perseguido.

Ele parecia uma criança apática, paciente; talvez endurecido pelos maus-tratos. Resistia às pancadas de Hindley sem fazer cara de dor ou derramar uma lágrima, e meus beliscões apenas o faziam respirar com força e abrir os olhos, como se tivesse se machucado por acidente e de ninguém fosse a culpa. Essa resignação fez o velho Earnshaw enfurecer-se, quando viu que seu filho estava perseguindo o pobre órfão, como o chamava. Confiava estranhamente em Heathcliff, acreditando em tudo quanto ele dizia (de fato,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Morro dos Ventos Uivantes" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).